



O SUPREMO DESASTRE DA SOLIDÃO E DO DESESPERO: MEMÓRIA, HISTÓRIA E EXÍLIO NO ROMANCE *PEDAÇO DE SANTO*, DE GODOFREDO DE OLIVEIRA NETO

THE SUPREME DISASTER OF LONELINESS AND DESPAIR: MEMORY, HISTORY AND EXILE IN THE NOVEL *PEDAÇO DE SANTO*, FROM GODOFREDO DE OLIVEIRA NETO

Marcelo Maldonado Cruz*

* marcelo.cruz@acad.pucrs.br
Mestrando em Letras – Escrita Criativa – pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) – Bolsista CNPq.

RESUMO: Por diversas vezes a História divide com a Literatura uma de suas principais preocupações: recuperar acontecimentos passados a fim de lhes conferir ordem, coerência e significado. Apesar de possuírem pontos de partida semelhantes, os discursos da ficção e da historiografia constituem-se tendo em perspectiva objetivos e resultados diversos. A memória de eventos traumáticos, como no caso das vítimas da violência extrema dos regimes totalitários, requer uma igualmente extrema reconstituição, tanto linguístico-discursiva quanto identitária, a fim de poder ser recontada, pois que sobreviver a um processo de aniquilamento significa apagar uma parte da história pessoal e, conseqüentemente, da própria identidade. Significa exilar-se de si mesmo. Esse é o mote temático adotado por Godofredo de Oliveira Neto no romance *Pedaço de santo*. No enredo, as personagens sofrem os devastadores efeitos do exílio e das memórias traumáticas, os quais o autor reelabora ficcionalmente a fim de transformar a vivência em experiência.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Brasileira; História; Memória; Literatura de testemunho; Construção de personagem.

ABSTRACT: History and literature many often shares one of its main concerns: to recover past events in order to give them order, coherence and meaning. Although they have similar starting points, the discourse of fiction and historiography have in view different objectives and results. The memory of traumatic events, such as those of the victims of the extreme violence of totalitarian regimes, requires an equally extreme reconstitution, both linguistic-discursive and identity, in order to be retold, since surviving a process of annihilation means erasing a part of personal history and, consequently, of one's own identity. It means a kind of self exile. This is the theme adopted by Godofredo de Oliveira Neto in the novel *Pedaço de santo*. In the plot, the characters suffer the devastating effects of the exile and traumatic memories, which the author reworks in order to transform the experience into experience.

KEYWORDS: Brazilian literature; History; Memory; Testimonial literature; Character building.

Em *É isto um homem?*, Primo Levi faz um inventário descritivo minucioso do período em que esteve prisioneiro dos campos de concentração de Auschwitz, no que se tornou um dos mais expressivos libelos contra os horrores da guerra. Totalmente imerso no dilema proposto por Walter Benjamin, quando contrapôs as noções de *Erfahrung* (experiência) e *Erlebnis* (vivência), Levi duplica-se para dar conta de transformar a sua vivência – as marcas da devastação física e moral impressas indelevelmente em sua memória e no próprio corpo – em experiência, naquilo que se pode efetivamente narrar e transformar em conhecimento. Completada a jornada de um polo a outro, abre-se espaço para um questionamento: entre o viver e o narrar é que se situa verdadeiramente o homem?

É na vida cotidiana que o homem dá conta de todas as formas de expressão comunicativa, a fim de manifestar seus interesses, desejos, opiniões etc. É no convívio comum que se estrutura a prática da linguagem em função dos usos que dão a ela aqueles que falam/escrevem e os que ouvem/leem. Assim sendo, o emprego da linguagem nas mais diversas situações, como no ensino e na aprendizagem, perpassa inevitavelmente pela mediação dos sujeitos envolvidos nesse processo de comunicação e, portanto, através não apenas do contexto social, cultural e ideológico no qual se inserem, mas igualmente de tudo aquilo que foi cristalizado e reproduzido antes de sua existência, conjunto de conhecimentos, atos, práticas e tradições no qual também se apoia essa transmissão e troca.

A vivência de eventos traumáticos, no entanto, interrompe de forma brutal o fluxo da linguagem enquanto instrumento de comunicação, de transmissão de interesses, desejos, opiniões e sentimentos. Um trauma age especificamente sobre a linguagem porque instaura o mesmo estado de exceção vivenciado externamente, como num espelhamento, no interior do ser: é preciso soterrar o horror com a ausência da palavra, é preciso silenciar para sobreviver. Aqueles que sobrevivem a um estado de exceção o fazem mediante um acordo tácito entre a memória e o esquecimento não apenas como uma estratégia de manutenção da vida, mas como um símbolo de resistência.¹ O sobrevivente “vive a culpa devido à cisão entre a imagem (da cena traumática) e a sua ação, entre a percepção e o conhecimento, à disjunção entre significante e significado”.²

Por conta desse processo é que as memórias a respeito de eventos traumáticos, como, por exemplo, as descritas por Primo Levi, levaram anos para surgir do seu anonimato e ganhar publicidade, pois que precisaram ser gestadas através de um longo período em silêncio, no embate entre o que se podia e o que se queria lembrar. A memória é um fenômeno que responde pela reelaboração do passado no presente, “ela prolonga o passado no presente”;³ “é do presente que parte o apelo ao qual a lembrança responde, e é dos elementos sensório-motores da ação presente que a lembrança retira o calor que lhe confere vida”.⁴ O caráter vívido da memória, aquele

1. POLLAK, Memória, esquecimento, silêncio.

2. SELIGMANN-SILVA. Reflexões sobre a memória, a história e o esquecimento, p. 51.

3. BERGSON. *Matéria e memória*, p. 247.

4. BERGSON. *Matéria e memória*, p. 179.

que evoca e atualiza todas as percepções passadas análogas a uma percepção presente, obriga o sobrevivente a recuperar as sensações originárias do trauma não apenas como um conjunto de imagens, mas como uma nova vivência.

Entre a afecção sentida e a imagem percebida existe a diferença de que a afecção está em nosso corpo, a imagem fora de nosso corpo. E por isso a superfície de nosso corpo, limite comum deste corpo e dos outros corpos, nos é dada ao mesmo tempo na forma de sensação e na forma de imagem.⁵

A afecção, tal como concebe Bergson, depende diretamente do quão próxima do próprio corpo é a percepção de uma ação, o que, no caso dos sobreviventes de um evento traumático, é tão mais intrínseca porque participa de sua interioridade mais essencial.

Narrar essas memórias implica elaborar uma espécie de testemunho que se constrói ao se sobrepujarem os efeitos da experiência traumática. “Aquele que testemunha se relaciona de um modo excepcional com a linguagem: ele desfaz os lacres da linguagem que tentavam encobrir o ‘indizível’ que a sustenta”.⁶ Ou, ainda:

A experiência traumática é, para Freud, aquela que não pode ser totalmente assimilada enquanto ocorre. Os exemplos de

eventos traumáticos são batalhas e acidentes: o testemunho seria a narração não tanto desses fatos violentos, mas da resistência à compreensão dos mesmos. A linguagem tenta cercar e dar limites àquilo que não foi submetido a uma *forma* no ato de sua recepção. Daí Freud destacar a repetição constante, alucinatória, por parte do “traumatizado” da cena violenta: a história do trauma é a história do choque violento, mas também de um *desencontro* com o real (em grego, vale lembrar, “trauma” significa ferida). A incapacidade de simbolizar o choque – o acaso que surge com a face da morte e do inimaginável – determina a repetição e a constante “posterioridade”, ou seja, a volta *après-coup* da cena.⁷

Entre o viver e o narrar há um hiato, um vazio, uma espécie de luto. Um exílio.

É desse exílio que nos fala Godofredo de Oliveira Neto em seu romance *Pedaço de santo*, publicado originalmente em 1997 e relançado em 2011 sob o título de *Amores exilados*.⁸ Não apenas do exílio físico imposto às personagens, mas de outro afastamento mais profundo, que as coloca à parte das memórias constitutivas de suas próprias identidades.

O ano: 1973. O local: Paris. O catarinense Fábio Antônio Nunes dos Santos e o baiano Lázaro da Costa Costa são dois jovens que travaram contato com os movimentos de oposição à ditadura militar brasileira ainda na faculdade, em fins dos

5. BERGSON. *Matéria e memória*, p. 192.

6. SELIGMANN-SILVA. Reflexões sobre a memória, a história e o esquecimento, p. 48.

7. SELIGMANN-SILVA. Reflexões sobre a memória, a história e o esquecimento, p. 48-49.

8. A mudança de título deveu-se ao projeto de adaptação cinematográfica da obra, no sentido de dar maior enfoque às relações pessoais no período mais conturbado da ditadura militar. Quanto ao conteúdo e à estrutura, no entanto, o texto não sofreu quaisquer alterações. (N. do A.)

anos 1960. A partir daí engajam-se nas atividades militantes e optam por participar de ações extremas na luta contra o regime, o que significa a atuação em operações denominadas pelo grupo como expropriações bancárias: “Esse dinheiro não é de vocês, não foi roubado de vocês. O banco vai devolver o dinheiro que pertence aos trabalhadores. Essa expropriação é contra o governo militar corrupto e torturador. Viva a revolução, abaixo a ditadura militar”.⁹

Fábio é o único com o *status* de exilado oficial, após ter sido preso e torturado pela polícia por conta de um mal-sucedido ato de expropriação, no qual é levado a matar um homem que teria reagido à operação, e pelas suas ligações com a militância política. Num golpe de sorte, vê-se subitamente envolvido numa fuga em massa de presos da delegacia para onde fora transferido em caráter temporário, favorecida pela corrupção do sistema carcerário mediante oferecimento de propina. Com a ajuda de Glorinha, companheira de militância que mais tarde também sofreria graves sequelas decorrentes de sessões de tortura, Fábio consegue fugir do país. Lázaro, por sua vez, após também ter participado de um assalto a banco e ter escapado ileso, decide sair do Brasil por conta própria. Ambos se conhecem em Paris, onde, via conexões com outros membros da ASL (Aliança Socialista Libertadora), entidade de extrema esquerda cujas ações visam angariar fundos para o financiamento da luta armada contra a ditadura e a libertação de presos políticos no Brasil, passam a

viver de bolsas e ajudas de custo provenientes de instituições de amparo a refugiados.

Há um outro laço que os une: a presença da jovem Muriel. Muriel Sandrine Charlotte Leroux, uma estudante francesa formada em Português pela Sorbonne Paris-III, envolve-se primeiramente num relacionamento amoroso com Lázaro, com quem, posteriormente, ainda mantém uma proximidade que incomoda sobremaneira Fábio, seu atual namorado. Apelidada Melusina por Lázaro, em referência à personagem do folclore europeu, uma espécie de espírito feminino das águas doces em rios e fontes sagradas geralmente representado como uma mulher que, da cintura para baixo, a exemplo das sereias, incorpora aspectos de serpente ou de peixe, Muriel cultivava um misterioso silêncio em relação ao seu passado, à sua história familiar, o que por certo alimenta as fantasias que Fábio tece em relação a ela, ao enigma que representa até mesmo para os demais que com ela convivem: “Havia nela defeitos, lacunas e cacoetes. Agora, ela tinha uma coisa, era lindíssima! Cabelos negros espessos – todo brasileiro em Paris dizia que ela era a Iracema da Gália [...] –, olhos enormes entre verde e azul como o fundo das piscinas, e um corpo monumental [...]”.¹⁰

Em meio às reuniões da ASL, as lembranças da terra natal, as notícias da família, o agravamento da situação política e as memórias da tortura, o estado emocional de Fábio – o

9. NETO. *Pedaço de santo*, p. 198.

10. NETO. *Pedaço de santo*, p. 21-22.

verdadeiro protagonista do romance, pois é a personagem na qual o conflito é mais densamente analisado e aprofundado, a que mais sofre as consequências da fragmentação identitária provocada pelo turbilhão de sentimentos intensos e conflituosos em relação à culpa, à solidão, à saudade etc. – fragiliza-se e cada vez mais vê crescerem os ciúmes e os temores da perda do afeto de Muriel. Nesse período, ele se questiona a respeito de sua participação na militância política.

Godofredo de Oliveira Neto tece um mosaico de memórias, sensações e reflexões a respeito do período mais brutal da ditadura militar no Brasil, valendo-se de um hiato no qual foi possível reelaborar essa vivência e traduzi-la num universo ficcional que destrava a linguagem sufocada pelo trauma e dá voz aos personagens que, à época em que se dão os acontecimentos da narrativa, não teriam condições de expressar tais impressões e sentimentos, tais como os que se seguem às sessões de tortura sofridas por Fábio e à sua fuga da prisão:

No fim do muro da penitenciária do Catumbi apareceu um barulhinho aterrorizador de choque elétrico, pude ver que vinha dos transformadores da Light ali perto, mas só me dei conta que tinha começado a berrar pelos olhares apavorados e as caras amedrontadas de três mulheres que conversavam na porta de uma casa; não sei quanto tempo gritei, acho que desmaiei depois, quando dei por mim estava deitado na calçada com a cara no chão [...].¹¹

11. NETO. *Pedaço de santo*, p. 30, 31.

Cabe ressaltar que essa experiência ficcionalmente urdida não necessariamente deriva de uma vivência pessoal do autor, que empresta a sua própria elaboração linguística para construir um testemunho edificado sobre uma reconstituição de memórias que, tal como entende Maurice Halbwachs, funciona a partir de dados, noções e recordações compartilhadas, numa combinação de lembranças individuais e coletivas.¹²

Essa reconstituição faz-se através da recuperação não somente de uma série de fontes documentais a respeito do período histórico em questão, mas sobretudo a partir da organização, num discurso literário, de um dado material que constitui a memória interna das personagens/sobreviventes/testemunhas, aquela que encontra numa outra, externa (histórica), pontos específicos de ancoragem, como, por exemplo, o espaço.¹³ É essa a maneira que o autor encontra para articular as lembranças de Fábio de sua infância em Florianópolis, ao mesmo tempo em que evoca os episódios da prisão, tortura e fuga, vividos no Rio de Janeiro, e a convivência com as ocorrências do cotidiano parisiense, com suas demandas e questões. A esse respeito, Joël Candau elucidada:

Se a história objetiva esclarecer da melhor forma possível aspectos do passado, a memória busca mais instaurá-lo, uma instauração imanente ao ato de memorização. A história busca revelar as formas do passado, enquanto a memória as modela, um pouco como faz a tradição. A primeira tem uma

12. HALBWACHS. *A memória coletiva*.

13. HALBWACHS. *A memória coletiva*.

preocupação de ordenar, a segunda é atravessada pela desordem da paixão, das emoções, dos afetos. A história pode vir a legitimar, mas a memória é fundadora. Ali onde a história se esforça em colocar o passado a distância, a memória busca fundir-se nele.¹⁴

Tanto o discurso historiográfico quanto o literário trabalham essencialmente a partir da questão da perspectiva. A preocupação antiquíssima do homem em registrar os eventos que lhe sucedem para, com base em sua análise e compreensão, depreender significados esbarra inevitavelmente na confiabilidade desses registros enquanto fontes de informação não completamente isentas de parcialidade em relação aos sujeitos de sua produção. Afinal de contas, “toda percepção é uma interpretação; a mais simples observação (como disse Goethe há muito tempo atrás) já é uma teoria. Os fatos nunca são neutros: vêm impregnados por juízos de valor”.¹⁵

Quando ocorre o entrecruzamento da História e da ficção, multiplicam-se, pois, as perspectivas e os recortes subjetivos em relação ao tema tratado. O romancista debruça-se sobre um passado que, por si próprio, está “recontado” oficialmente através das mais variadas fontes e registros – ou, ainda, vestígios e relíquias, segundo a percepção de Linda Hutcheon:¹⁶ cartas, diários, documentos, periódicos, autos de processos etc. No momento em que seus registros os consolidam enquanto fatos, os eventos históricos são apresentados

depois de terem passado por um processo de narrativização, no qual se aplicam procedimentos textuais inerentes à estilística literária e às técnicas ficcionais, conforme verifica Roland Barthes:

No discurso histórico da nossa civilização, o processo de significação visa sempre a “preencher” o sentido da História: o historiador é aquele que reúne menos fatos do que significantes e os relata, quer dizer, organiza-os com a finalidade de estabelecer um sentido positivo e de preencher o vazio da série pura.¹⁷

Daí decorre que, seguindo o raciocínio de Roland Barthes, uma vez atrelado a uma determinada voz que lhe impõe sua subjetiva sonoridade, o discurso historiográfico transfigura-se, portanto, numa elaboração ideológica ou, ainda, imaginária. Peter Gay vai ressaltar, dentro desse discurso, os recursos de estilo que vão representar a percepção do historiador a respeito do passado e delimitar as verdades que ele será capaz de captar e fazer surgir de acordo com suas escolhas (recortes) ou condicionamentos sociais, políticos, profissionais, entre tantos outros fatores influentes. “Podemos ler a história da história de diversas maneiras, mas uma maneira proveitosa consiste em vê-la como um debate inconcluído entre os defensores da beleza com verdade e os defensores da verdade sem beleza”.¹⁸

14. CANDAU. *Memória e identidade*, p. 131-132.

15. GAY. *O estilo na história*, p. 176.

16. HUTCHEON. *Metaficção historiográfica: o passatempo do tempo passado*.

17. BARTHES. *O discurso da história*, p. 176.

18. GAY. *O estilo na história*, p. 169.

No terceiro volume de *Tempo e narrativa*, Paul Ricoeur se detém sobre a questão do entrecruzamento da história e da ficção sob a perspectiva da refiguração efetiva do tempo e desenvolve o conceito de *voz narrativa* como instância necessária à ficção para que os acontecimentos relatados adquiram ante o leitor uma condição de passado. Dessa maneira, estabelece Ricoeur:

Se essa hipótese se sustenta, podemos dizer que a ficção é quase histórica, tanto quanto a história é quase fictícia. A história é quase fictícia, tão logo a quase-presença dos acontecimentos colocados “diante dos olhos” do leitor por uma narrativa animada supre, por sua intuitividade, sua vivacidade, o caráter esquivo da passividade do passado, que os paradoxos da representância ilustram. A narrativa de ficção é quase histórica, na medida em que os acontecimentos irrealis que ela relata são fatos passados para a voz narrativa que se dirige ao leitor; é assim que eles se parecem com acontecimentos passados e a ficção se parece com a história.¹⁹

No que diz respeito a uma literatura que lida com conteúdo de ordem testemunhal, “a leitura estética do passado é necessária, pois opõe-se à ‘musealização’ do ocorrido: ela está vinculada a uma modalidade da memória que quer manter o passado ativo *no presente*”.²⁰ É o que efetivamente consegue atingir Godofredo de Oliveira Neto com o seu romance, no

qual o trabalho de ficcionalização do trauma “implica perceber que a historiografia é apenas uma (re)inscrição do passado e não o seu texto ‘original’”.²¹

Pedaço de santo fundamenta-se a partir das mesmas características de que se constitui o registro da memória: “fragmentário, calcado na experiência individual e da comunidade, no apego a locais simbólicos e não tem como meta a tradução integral do passado”.²² Composto em 40 capítulos curtos, com média de 3 ou 4 páginas cada um, alterna eventos que se desenrolam num espaço/tempo presente aos eventos narrados e reminiscências de outros espaços e tempos, a fim de dar conta dos mais diversos aspectos da vida das personagens.

Escrito na terceira pessoa, o romance vale-se de um tipo de narrador que se convencionou chamar de “onisciente contemporâneo”, isto é, uma versão mais flexível do narrador onisciente clássico com a eliminação da *persona* narrativa, mas sem abdicar do controle da narração. Varia na aproximação do foco: ora é neutro, ora concentra-se mais nas ações de uma ou de outra personagem, ora avança até a interioridade de certas personagens, desvendando pensamentos, conjecturas, medos, dúvidas, sonhos e delírios.

A estrutura fragmentada do texto emoldura a fragmentação identitária das personagens, sobretudo a de Fábio. A condição de exílio a que é submetido o remete a todo instante a uma negação da identidade, a um sentimento de não

19. RICOEUR. *Tempo e narrativa – Tomo III*, p. 329.

20. SELIGMANN-SILVA. Reflexões sobre a memória, a história e o esquecimento, p. 57.

21. SELIGMANN-SILVA. Reflexões sobre a memória, a história e o esquecimento, p. 74.

22. SELIGMANN-SILVA. Reflexões sobre a memória, a história e o esquecimento, p. 65.

pertencimento por conta do rompimento total dos referenciais geográficos, sociais e linguísticos, tal como conceitua Edward Said:

O exílio nos compele estranhamente a pensar sobre ele, mas é terrível de experienciar. Ele é uma fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre o eu e seu verdadeiro lar: sua tristeza essencial jamais pode ser superada. E, embora seja verdade que a literatura e a história contêm episódios heroicos, românticos, gloriosos e até triunfais da vida de um exilado, eles não são mais do que esforços para superar a dor mutiladora da separação. As realizações do exílio são permanentemente minadas pela perda de algo deixado para trás para sempre.²³

Esse “algo deixado para trás” e que a todo momento Fábio procura reaver através das lembranças da infância e da família é igualmente ameaçado por outras memórias que recuperam o trauma, a fissura irreparável por onde escoam todas as tentativas de apaziguamento. Ainda segundo Said: “Para o exilado, os hábitos de vida, expressão ou atividade no novo ambiente ocorrem inevitavelmente contra o pano de fundo da memória dessas coisas em outro ambiente. Assim, ambos os ambientes são vívidos, reais, ocorrem juntos como no contraponto”.²⁴

Daí a forma com que organiza, num fluxo contínuo de consciência, todas as referências que o religam a eventos passados, como na seguinte passagem:

Fábio virou-se para o lado da parede. Em quem será que a Melusina pensa agora? Muriel mergulhava no verde-azulado do mar de Florianópolis. Saudades da sensação da mãe escorrendo suave as mãos por entre os seus cabelos sujos de lama do futebol da rua, o sorriso materno legitimando a leve e didática transgressão dos limites; saudades ainda da aproximação ingênua da sombra da mãe, pé ante pé, observando os fingidos olhos fechados dos filhos na penumbra do quarto; do tio José e suas corvinas pescadas lá pras bandas de São Francisco; do pai curvado, as lascas de madeira e a serragem no chão, segurando o formão, conversando com os santos que miraculosamente iam nascendo, do abraço na cintura olha, meu filho, um pedaço do santo já tá quase pronto! Saudades do calor do corpo de Muriel. Será que não é melhor desistir do assalto? Ainda dá tempo. Voltar para Paris ou viver escondido, trazer Muriel pro Brasil, a Glorinha não consegue manter a cabeça reta, os cachorros!²⁵

Nada, porém, é capaz de atá-lo a um referencial seguro, nem mesmo a sua aparência física diametralmente oposta à figura idealizada do brasileiro típico: “Você tem cara de italiano do Norte, ou austríaco, Fábio, esse cabelo castanho claro, liso até os ombros, olhos azuis, rosto fino, cara de Cristo tirolês, pode crer, não parece brasileiro, nego véio! Eu e o Lázaro, sim”.²⁶

Lázaro reúne em si toda a fantasia concebida pelo imaginário do colonizador e, a esse respeito, assume característica

23. SAID. Reflexões sobre o exílio, p. 46.

24. SAID. Reflexões sobre o exílio, p. 59.

25. NETO. *Pedaço de santo*, p. 179.

26. NETO. *Pedaço de santo*, p. 12.

27. BHABHA. *O local da cultura*.

28. NETO. *Pedaço de santo*, p. 24.

29. NETO. *Pedaço de santo*, p. 13.

30. NETO. *Pedaço de santo*, p. 49.

31. NETO. *Pedaço de santo*, p. 86.

e função calcadas na lógica fetichista do estereótipo:²⁷ “[...] fazia tremer de desejo as mulheres de qualquer idade, o exemplo perfeito da mistura ibérica e africana”²⁸; “[...] jeitão bem baiano, sempre dando a impressão de sentia menos falta do socialismo utópico do que do acarajé, conseguia mesmo seduzir”²⁹; “[...] não parecia ter essas preocupações com o amor, muito menos ciúmes. Vai ver era mesmo o diabo do astral africano”³⁰; “[...] foi se acomodando a essa situação de homem a serviço de uma causa justa com a tarefa de defender a trincheira libidinosa das militantes”.³¹

Ingressara na ASL na Universidade. Uma das cabeças do movimento trotskista era aluna do curso de Ciências Sociais da Universidade Federal da Bahia e tinha como colega um jovem alto, magro mas musculoso – o que ele tinha de taciturno tinha de sedutor –, com olhos amendoados cor de mel, apenas um tom abaixo da pele cor de catuto escuro, o cabelo afro amarrado num rabo de cavalo com vistoso laço de fita do Senhor do Bonfim.³²

A comparação amiúde com o companheiro baiano torna ainda mais frágil uma possível identidade unificada sob características comuns como, por exemplo, a condição de exílio imposta a ambos, numa tentativa de definir e o reforçar o sentimento de pertencimento a fim de manter a coesão interna de um determinado grupo.³³ Em vez disso, as diferenças

são ressaltadas e Fábio precisa a todo instante rebater estereótipos como o que Muriel repete a respeito da identificação de uma alma brasileira atrelada à cultura negra e baiana, no que é malsucedido, pois que Muriel, apesar de ter morado tanto em Salvador e Porto Seguro quanto em Florianópolis, prefere afirmar categoricamente que “a Bahia é mais Brasil do que o Sul. A comida, as cerimônias religiosas, os baianos parece que são a alma brasileira. E o Brasil é um país negro”.³⁴

O estado descontínuo do ser que o cotidiano do exílio imprime nos indivíduos já não mais comporta a noção de nacionalismo tal como conceituada por Edward Said, isto é, uma declaração de pertencimento a um lugar, a um povo, a uma herança cultural. Em vez disso:

Os nacionalismos dizem respeito a grupos, mas, num sentido muito agudo, o exílio é uma solidão vivida fora do grupo: a privação sentida por não estar com os outros na habitação comunal. Como, então, alguém supera a solidão do exílio sem cair na linguagem abrangente e latejante do orgulho nacional, dos sentimentos coletivos, das paixões grupais? O que vale a pena salvar e defender entre os extremos do exílio, de um lado, e as afirmações amiúde teimosas e obstinadas do nacionalismo, de outro? O nacionalismo e o exílio possuem atributos intrínsecos? São eles apenas duas variedades conflitantes de paranoia?³⁵

34. NETO. *Pedaço de santo*, p. 45.

35. SAID. *Reflexões sobre o exílio*, p. 50.

32. NETO. *Pedaço de santo*, p. 85.

33. POLLAK. *Memória, esquecimento, silêncio*.

Em *Pedaço de santo*, a presença do estrangeiro/exilado/deslocado é a todo instante apontada e sublinhada pelo narrador, a começar pelos protagonistas Fábio e Lázaro. Há os brasileiros em Paris, o árabe que varre as escadarias do metrô, a nacionalidade grega do suposto pai de Muriel, Kheira, uma argelina, e Said, um libanês, Mohammed, um vendedor de batatas fritas e linguça de carneiro, da Tunísia, Héctor, o argentino amigo de Muriel etc.

A solidão em alguns, a estranha alegria em outros, a angústia na maioria. O universo dos exilados era esse. A insegurança psicológica ou levava a abraçar com exagerado ardor o país do exílio ou a abominá-lo. “Na França, graças à arte e às lutas do povo através do tempo, existe um humanismo que faz deste país o berço da tolerância.” “Eu não acho, se assim fosse, o povo não teria essa frieza toda e esse mau humor. O povo brasileiro e muito mais tolerante e caloroso. No Brasil, puta goza!”³⁶

Profundamente desenraizado, vivenciando o desconforto de se encontrar numa situação em que a necessidade e o constrangimento fazem parte do cotidiano, sem sequer poder confiar na pretensa acolhida mal disfarçada por entre as críticas veladas – “Elevador parado. ‘Quebrou, excesso de peso, estrangeiros em demasia morando nesses prédios’, alguém comentou”³⁷ –, Fábio experimenta a face mais atroz da

solidão do exilado no sentimento desesperado com que se lança à relação com Muriel. Infelizmente, no entanto, nem esse vínculo, tão ou mais frágil do que a sua própria condição emocional, é o bastante para afastar dele as preocupações e os temores que o aterrorizam.

Essa desestruturação emocional é cada vez mais agravada pelos ciúmes, pelas fantasias que Fábio nutre em relação à traição de Muriel com o amigo Lázaro e também com a crescente insegurança proveniente dos rumos tomados pela situação política, principalmente após a instauração da ditadura militar no Chile, com a queda de Salvador Allende e a ascensão do General Augusto Pinochet ao poder. As novas lideranças da ASL em Paris, acrescidas por membros do movimento oriundos da evasão causada pela situação política chilena, passam a criticar as atitudes de Fábio e Lázaro frente ao movimento por conta de suas relações com Muriel. Após uma discussão numa das reuniões do grupo que culmina com a expulsão de Muriel pela líder Sarinha, Fábio atinge o auge de sua paranoia. Sem coragem de seguir Lázaro e Muriel, que deixam a reunião juntos, Fábio imagina vividamente a consumação da traição e passa a perseguir os supostos amantes pelas ruas de Paris. Após encontrá-la, já em casa, num acesso de fúria, Fábio consuma definitivamente a agressão:

A cauda imaginária parecia que tinha aumentado de tamanho. Era um rabo de bichão grande! Fábio deixou-se nessa posição

36. NETO. *Pedaço de santo*, p. 51.

37. NETO. *Pedaço de santo*, p. 14.

e foi até o quarto. Abriu a bolsa encardida e segurou a caixa que levava sempre consigo. Abriu-a cuidadosamente. [...] Fábio segurou o amuleto de madeira com habilidade, cuidando para que a parte que tinha uma pequena lasca ficasse para frente, como o cano de um revólver. Muriel Melusina continuava de bruços, sempre meneando lentamente o rabo imaginário. [...] Não levantava os olhos de um mundo que só ela enxergava. Fábio ajoelhou-se ao lado da banheira e, brutalmente, sem emitir um único som, enfiou o pedaço de madeira onde fincava raízes a cauda maldita! Aquela mulher, agora um monstro de pecado, urrou de dor, levantou de um salto, e bateu furiosamente com a mão fechada no rosto do torturador.³⁸

De torturado a torturador, de militante a carrasco, Fábio incorpora todo o estilhaçamento identitário e a despersonalização que o exílio, convertido ele próprio num evento traumático, pode lhe conferir. O baque sofrido pela definitiva partida de Muriel o lança a uma nova condição de desamparo e desespero que será em parte minimizada pela possibilidade de rever a terra natal. No entanto, uma vez que essa proposta consiste numa nova ação de expropriação bancária determinada pela direção da ASL cuja participação é imposta aos dois amigos, ressurgem com força redobrada todos os temores simbolizados nas lembranças da infância, nos diálogos imaginários com a mãe, nas notícias da família, nos fantasmas da tortura, das pessoas mortas ou inutilizadas pela violência.

Tudo isso se potencializa com a solidão e a angústia do abandono. Fábio passa a procurar por Muriel que, no entanto, assim como a Melusina lendária, jamais reaparece.

O contato com a terra brasileira aumenta em Fábio e em Lázaro as dúvidas e saudades. Ambos suscitam novos questionamentos a respeito da necessidade dessa intervenção e também quanto ao sentido de sua participação na causa. A falta de Muriel agrava suas crises e Fábio é vítima de delírios. As pressões aumentam progressivamente, sobretudo quando ele recebe notícias de que fora procurado pela Polícia Federal em Florianópolis, na casa dos pais. Por fim, a operação armada transcorre num clima tenso e Fábio se descontrola durante o assalto, levado às lágrimas ao recuperar na memória os eventos que o obrigaram a matar uma pessoa numa ação anterior: “Eu atirei de pertinho no cara na Figueiredo Magalhães, eu o matei, sem sombra de dúvida; o Lázaro atirou de longe, com a metralhadora, junto com outro companheiro. Pode não ter sido ele, nunca me pareceu muito culpado. Eu sou assassino, porra, só eu!”.³⁹

Apesar do sucesso da empreitada, dias depois Fábio e Lázaro se envolvem numa fatídica coincidência ao testemunharem outro assalto. Lázaro é confundido com um dos assaltantes (aqui, o autor coloca mais uma vez em questão o preconceito étnico em virtude da cor da pele ser o principal motivo de recaírem as suspeitas sobre o baiano) e com ele

38. NETO. *Pedaço de santo*, p. 124-125.

39. NETO. *Pedaço de santo*, p. 197.

encontra 15 mil dólares que seriam destinados aos exilados em Paris. Fábio, por sua vez, é apontado como o responsável pela delação do amigo e, após prestar alguns esclarecimentos, é liberado.

Fábio chega, por fim, à encruzilhada de sua existência. A culpa de ter matado um homem é agravada agora com o peso de ter de conviver com a ideia de ter sido o responsável pela prisão de Lázaro e de obrigá-lo a experimentar os horrores que ele próprio vivenciou nos porões das prisões brasileiras. As alternativas de auxílio ao amigo são praticamente nulas e os pedidos de ajuda de Fábio caem no vazio, aumentando o seu desespero e impotência diante da situação. A tudo isso somam-se os medos da perseguição com as notícias de sua procura por agentes da polícia e a possibilidade de ser novamente apanhado e mandado de volta à prisão, o que significaria retornar ao horror da tortura e o pior: terminar como Glorinha.

Fábio se vê duplamente exilado nesse retorno ao Brasil: não se sente seguro em casa, nem ao ouvir a sua língua materna ou travar contato com sua gente. Não pode procurar os pais, menos ainda regressar à vida que tinha antes do engajamento político. Também não é possível mais a volta à Paris, pois que a vida em comum com Muriel já não mais existe. Diante da absoluta falta de perspectiva, resolve-se pela única saída que vislumbra: o autoaniquilamento.

No desfecho do romance, Godofredo de Oliveira Neto nega ao protagonista a oportunidade de superação do trauma e Fábio acaba por ser engolfado pelo mesmo silêncio que vitimou outros tantos degredados, desenraizados, desterrados, expatriados, banidos. Não caberá a ele cumprir o desejo de que lhe fala, por exemplo, Lázaro, seu companheiro de exílio:

É um desejo de escrita, vai ser a escrita do desejo. Falar da minha revolta, da tua revolta. [...] O problema é que a arte só nasce de alguém desgarrado da manada; por isso ela é meio sinônimo de sofrimento e ansiedade. O criador divide a criação com ele mesmo mas a criatura, para existir, precisa do resto do grupo. Daí a esquizofrenia do artista, ser social.⁴⁰

Não caberá a ele, a tarefa de escrever as suas recordações subterrâneas, desafogar o grito sufocado nos porões da memória e transformá-lo em voz narrativa. Não caberá a ele, mas, sim, a outrem transfigurar a experiência traumática do exílio, o hiato, o luto, o silêncio em conhecimento, no testemunho, na arte da leitura das cicatrizes.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. O discurso da história. In: BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. Trad. Mario Laranjeira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p. 163-180.

40. NETO. *Pedaço de santo*, p. 177.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. In: BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas. Vol. 1**: Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. Prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 114-119.

BENJAMIN, Walter. Sobre alguns temas de Baudelaire. In: BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas. Vol. 3**: Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo. Trad. José Carlos Martins Barbosa e Hemerson Alves Baptista. São Paulo: Brasiliense, 1989. p. 103-149.

BERGSON, Henri. **Matéria e memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. Trad. Paulo Neves. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. Trad. Maria Letícia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011.

GAY, Peter. **O estilo na história**: Gibbon, Ranke, Macaulay, Burckhardt. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2009.

HUTCHEON, Linda. Metaficção historiográfica: o passatempo do tempo passado. In: HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo**. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991. p. 141-162.

LEVI, Primo. **É isto um homem?** Trad. Luigi Del Re. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

NETO, Godofredo de Oliveira. **Pedaço de santo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Revista Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989, p. 03-15.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa – Tomo III**. Trad. Roberto Leal Ferreira. Campinas: Papyrus, 1997.

SAID, Edward. Reflexões sobre o exílio. In: SAID, Edward. **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios**. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 46-60.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Reflexões sobre a memória, a história e o esquecimento. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). **História, Memória, Literatura**. O testemunho na era das catástrofes. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003. p. 45-58.